

O DRAMA DO FUTEBOL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SÓCIO-ANTROPOLÓGICA

Jocimar DAOLIO*

RESUMO

O presente ensaio pretende considerar o futebol como algo além de um mero esporte com um conjunto de regras e objetivando o lazer de quem o pratica ou de quem o assiste. A intenção foi considerar o futebol como uma prática social que, como tal, expressa a sociedade brasileira, constituindo-se em um veículo para uma série de dramatizações desta sociedade. A partir dessa vi-

são, o trabalho destaca quatro aspectos do futebol que se relacionam com as características do povo brasileiro, tentando justificar a popularidade deste esporte no país, apesar de ser oriundo da Inglaterra.

UNITERMOS: Futebol brasileiro; Sociologia do esporte; Antropologia do esporte.

É inegável a influência que o futebol teve na vida nacional a partir do início deste século. Apesar de caracterizar-se, no início, como um esporte de elite, a partir de meados da década de 20, ele se popularizou de tal forma que atinge, hoje, direta ou indiretamente, toda a população brasileira. O país mobiliza-se em dias de jogos importantes ou quando a seleção nacional vai participar de uma Copa do Mundo. Enormes multidões dirigem-se semanalmente aos estádios torcendo pelo seu time. Grupos de torcedores acompanham regularmente sua equipe em jogos em outras cidades. Em relação a isso, é interessante lembrar, como ilustração, a verdadeira peregrinação de torcedores que ocorreu em 1976 quando o Corinthians – time até então em jejum de títulos durante mais de vinte anos – fez uma campanha memorável durante o Campeonato Brasileiro, chegando à final, quando perdeu para o Internacional, em Porto Alegre. Ocorreu que uma enorme massa humana acompanhou o time à medida que ele foi derrotando seus adversários e rumando em direção à partida final, numa verdadeira e desmedida euforia. Tornaram-se públicos vários casos de torcedores que abandonaram suas famílias, seus empregos e passaram a viajar com o time durante vários dias.

A rivalidade entre torcidas é uma constante, sendo que, em alguns momentos extremos, ela se transforma em verdadeiras batalhas campais, resultando, até mesmo, em ferimentos graves e mortes.

As discussões sobre futebol são frequentes em qualquer bar de esquina nos dias que antecedem a uma grande peleja e nos dias subsequentes a ela, quando se rememoram os grandes lances ou se lamentam os gols perdidos. Nas tardes de domingos pode-se ouvir "no ar" irradiações do mesmo jogo. Aliás, é interessante perceber a quantidade de emissoras de rádio e televisão que transmitem o mesmo jogo, e todas elas com significativa audiência.

Outro fato que vale destacar é a quantidade de obras artísticas que, direta ou indiretamente, retrataram o futebol, incluindo-se músicas, quadros, filmes, peças de teatro, fotografias, livros, poesias, embora alguns autores considerem ainda pequeno esse número, levando-se em conta a influência do futebol na vida nacional, como ressalta WOLF (1978) em relação ao cinema.

O que estamos querendo dizer com esse relatar de fatos – sabendo que muitos outros existem – é que o futebol faz parte da sociedade brasileira de uma maneira talvez mais efetiva do que podemos supor à pri-

* Auxiliar de Ensino da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

meira vista. A sociedade brasileira — não é exagero dizer — está impregnada de futebol, e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança — homem, de preferência — quando ela recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Time esse que ela vai aprender a gostar, compartilhando com ele momentos de glória e sofrendo com ele períodos ruins, sem jamais pensar em substituí-lo por outro.

Pretendemos neste trabalho considerar o futebol como algo além de um mero esporte com um conjunto de regras e objetivando o lazer de quem o pratica ou de quem o assiste. Pretendemos aqui considerar o futebol como uma prática social que, como tal, expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aparções mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas. BYINGTON (1982), numa interessante discussão sobre os símbolos do futebol, afirma ser ele o "nosso maior exercício psicológico simbólico de desenvolvimento" (p. 21).

Nesse sentido, o futebol, como o carnaval e os rituais religiosos, além de outras práticas típicas do Brasil, pode ser visto como um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira. Dessa forma, uma compreensão sociológica do futebol praticado no nosso país permitirá uma melhor interpretação da sociedade brasileira. O futebol praticado no Brasil é apenas um modo, entre outros existentes, da sociedade brasileira apresentar-se, deixando-se, assim, descobrir (DAMATTA et alii, 1982).

Para uma compreensão do futebol sob esse ângulo, é necessário, segundo DAMATTA et alii (1982), deixarmos de lado uma visão utilitarista da sociologia que prega que o "futebol é o ópio do povo". Essa visão foi difundida por alguns militantes de esquerda com algum sucesso na época da campanha da seleção brasileira de futebol em busca do tri-campeonato mundial no México, em 1970. Como todos se lembram, o Brasil passava naquela época por um período de ditadura, repressão e censura e achavam algumas facções políticas, com alguma razão, que uma vitória brasileira seria utilizada pelos militares para divulgar o sistema político vigente, ocultando da grande massa os reais problemas existentes no país. Esse fato pode, em alguma medida, ter acontecido, mas não é possível concluir daí que o "futebol é o ópio do povo". DAMATTA et alii

(1982) adverte que esse ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado da sociedade. Quer dizer, futebol e sociedade encontrar-se-iam em oposição como se o primeiro fosse prejudicial ao segundo.

Na verdade, o que está por trás dessas considerações é a concepção de futebol — ou, para ser mais abrangente, de esporte — que impera na nossa sociedade. O esporte, ao contrário do trabalho, da economia ou, ainda, da guerra, é uma atividade menos séria — como o carnaval, a arte, a religião — que está associada a valores como o amor, divertimento, recreação. Seria uma atividade menor, que teria o único objetivo de enganar ou distrair a população dos problemas realmente sérios, que seriam atribuições da classe dominante.

Em oposição a estas idéias, DAMATTA et alii (1982) propõe o enfoque de estudo do futebol como uma atividade da sociedade:

Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do jogo (p. 24).

Considerando o futebol como membro legítimo da nossa sociedade, e reconhecendo a penetração que ele tem na vida não só da população brasileira, mas no espírito de cada cidadão do país, somos impelidos a formular a seguinte pergunta: por que o futebol, sendo uma prática oriunda da Inglaterra, teve e tem tanta repercussão no Brasil? Como é possível um esporte que não nasceu aqui ter se adaptado tão bem ao nosso povo e ter se transformado no principal esporte nacional?

DAMATTA et alii (1982) justifica a popularidade do futebol no Brasil

porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alterando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos (p. 40).

BYINGTON (1982) explica que

um fenômeno só faz vibrar a alma individual e cultural de um povo na medida em que contém os símbolos que expressam e nutrem a vida psíquica deste povo (p. 21).

VOGEL (1982), tentando também responder a questão, levanta a suspeita de que "existe uma relação entre o espetáculo do jogo de futebol e determinados comportamentos rituais da sociedade brasileira" (p. 101).

Não pretendemos encerrar essa discussão, mas a direção da resposta, ao que parece, está na similaridade e na combinação de algumas características originais do futebol com determinados hábitos, atributos ou estilo do povo brasileiro. Explicando melhor, parece haver uma certa relação entre as exigências do esporte e as características sócio-culturais do povo brasileiro. É lógico que não estamos falando aqui de características físicas como força, resistência ou velocidade, que obviamente seriam difíceis de ser encontradas na maioria da população de um país subdesenvolvido como é o Brasil. Estamos falando de uma condição sócio-cultural do povo brasileiro, que se adapta mais ou menos a uma determinada prática.

Na tentativa de aproximarmos-nos da resposta à questão colocada, mas reconhecendo que não conseguiremos neste trabalho a resposta completa (se é que ela existe), levantaremos quatro aspectos do futebol que se relacionam com as características do povo brasileiro.

O primeiro ponto refere-se à busca da igualdade existente no futebol. Mesmo reconhecendo que existem diferenças econômicas entre as equipes de futebol e que estas diferenças levam a resultados até certo ponto previsíveis nos confrontos, o futebol em si é um exercício da igualdade. Em outras palavras, os dois times têm as mesmas condições durante uma partida. O campo de jogo é dividido em duas metades iguais, sendo que cada equipe ocupa uma metade durante um tempo. Cada equipe inicia o jogo num tempo, sendo que a primeira a fazer isso é escolhida por sorteio. O time que sofre um gol, tem o direito a reiniciar a partida. O time que comete falta sobre um jogador adversário é punido com um tiro livre, sendo que será penalidade se essa falta tiver sido cometida dentro da área. Quando a bola sai do campo, deve ser repostada em jogo pelo time contrário ao que tocou na bola pela última vez. E todas essas decisões devem ser tomadas por um árbitro teoricamente imparcial, auxiliado por dois bandeirinhas que não trocam de lado durante o jogo a fim de acompanharem o ataque das duas equipes.

Não estamos afirmando que o futebol

sempre ocorre num clima de igualdade, mas sim que as regras foram elaboradas visando esta igualdade. Igualdade que a massa torcedora sabe que não tem no seu trabalho, na sua cidade, no seu lazer, enfim, na sua vida fora dos estádios. No futebol, essa possibilidade de igualdade, por mais remota que possa ser na vida cotidiana, estaria sendo dramatizada, exercitada, enfim, atualizada pela população.

Essa questão da igualdade reflete-se também na composição das torcidas. Para se fazer parte de uma torcida, não é necessário nenhum tipo de atributo, além da vontade pessoal e, logicamente, das influências familiares. O indivíduo torce para o time que ele quiser, enquanto que fora do futebol ele não tem essa liberdade. Há regras explícitas para se pertencer a uma classe social, ou ao grupo de universitários, ou ao grupo de turistas etc.

Um segundo ponto a ser ressaltado no futebol é que trata-se de um esporte jogado basicamente com os pés, com a exceção do goleiro que pode, além dos pés, usar as mãos dentro da área e com a exceção da reposição da bola em jogo quando esta sai pela linha lateral. BYINGTON (1982) considera o futebol revolucionário justamente por ser praticado, basicamente, com a parte inferior ao corpo. É interessante comparar essa prática com os pés que é o futebol com a capoeira, o samba e certas danças rituais indígenas. Todas essas práticas têm nos pés um papel preponderante. A capoeira é uma luta na qual só é permitido tocar o oponente com os pés. O bom sambista, é aquele que tem o "samba no pé". É possível que o indivíduo brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, indígena e branca, tenha uma maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países.

Essa habilidade com os pés seria, segundo MAUSS (1974), uma técnica corporal, característica motora de uma sociedade e passível de transmissão para os seus descendentes. Esta noção explicaria o fato dos meninos no Brasil nascerem, praticamente, "sabendo jogar futebol".

Um terceiro aspecto do futebol que se relaciona com a cultura brasileira é a necessidade e a importância em uma partida do drible. É através do drible que o atacante burla a defesa adversária e alcança o seu objetivo máximo que é o gol. O drible nada

mais é do que um ato de esperteza do atacante, que ameaça ir para um lado e vai para o outro, ou ameaça tocar a bola de lado e toca-a entre as pernas do atônito defensor. Basta lembrarmos de Garrincha, que, com suas fintas inesquecíveis, muitas vezes passava por mais de um defensor deixando-os caídos no chão. Impossível pensar num drible de Garrincha e não associá-lo ao malandro brasileiro, com seu andar gingado, seu jeito maroto e sua atitude esperta para conseguir sobreviver. Como num drible no futebol, o malandro é aquele que tem que dar um jeito para conseguir dinheiro, enfim, marcar os seus gols.

Dois outros autores discutiam a "malandragem" do homem brasileiro relacionando-a com o futebol. DAMATTA (1979) considera a "malandragem" um modo de defesa autenticamente brasileiro. CASTELLANI FILHO (1985), substituindo o termo por "molecagem", coloca a seguinte questão:

Seria a "molecagem" expressão da arte popular e o futebol, através dela, o palco que melhor possibilita a encenação da tragédia popular? (p.7).

Um quarto e último aspecto do futebol que queremos considerar é a permissão para a livre expressão individual. Apesar de ser um esporte coletivo, o futebol permite e até incentiva as jogadas individuais. Podemos dizer que é através delas que uma equipe consegue desestruturar o sistema coletivo da equipe adversária. É um chute inesperado, um drible desconcertante, uma arrancada veloz de um jogador, que faz com que uma equipe leve vantagem sobre outra, e concretize essa vantagem em gols.

VOGEL (1982) explica melhor esta questão afirmando que

o futebol ilustra o conflito potencial entre a criatividade individual, que flo-

resce nas jogadas de efeito, nas bicicletas, nos lençóis e nos dribles, e a entidade coletiva do conjunto, para o qual se deve, em princípio, jogar (p. 112).

Da mesma forma, na vida cotidiana, todos os indivíduos devem cumprir regras sociais, mas há uma necessidade de, ao se fazer o que todos fazem, perceber-se como um indivíduo único, diferente de todos os outros. Esse exercício é perfeitamente possível num esporte como o futebol.

Em relação a essa questão da livre expressão individual, é interessante considerar o estilo do jogo brasileiro em comparação com o estilo de jogo de outros países, principalmente europeus. Por mais que se tente copiar o estilo do jogo de algumas seleções européias, o jogador brasileiro parece não se adaptar a esse modelo. Ele prefere o drible, a jogada de efeito, o gol "de placa", a "bicicleta", a "chaleira", a jogada mais difícil, ao invés do toque de primeira, da jogada rápida, do futebol solidário, dos esquemas pré-determinados pelo técnico. Parece-nos que os técnicos de futebol que estão saindo-se bem atualmente no Brasil são os que utilizam alguns conceitos de futebol de outros países, mas não reprimem a individualidade do jogador brasileiro.

Obviamente, não pretendemos esgotar o assunto com esses quatro pontos que levantamos. Acreditamos que existem outros aspectos no futebol e outros aspectos na sociedade brasileira que fazem com/ó futebol se adeque perfeitamente ao povo brasileiro e vice-versa. Ressaltamos ainda a necessidade e importância de mais estudos nessa área porque, mais do que um conjunto de regras, técnicas e táticas, é o futebol a expressão da cultura brasileira, com todas as suas virtudes e com todos os seus efeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYINGTON, C. A riqueza simbólica do futebol. **Psicologia Atual**, 5(25):20-32, 1982.
- CASTELLANI FILHO, L. O fenômeno cultural chamado "futebol" — uma proposta de estudo. **Artus**, 8(15):6-9, 1985.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____. et alii. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, E.P.U., 1974, v. 2.
- VOGEL, A. O momento feliz — reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. et alii. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982. Cap. 4.
- WOLF, J. No cinema, o futebol ficou na reserva. **Revista Vozes**, 8:691-603, 1978.

Recebido para publicação em: 30/08/89

ENDEREÇO: Jocimar Daolio
Cidade Universitária Zeferino Vaz
Caixa Postal 6134
13081 — Campinas — São Paulo — BRASIL